

Especial Bicentenário da Independência do Brasil - Edição 03

MuseCom apresenta:

INDEPENDÊNCIA NEGRA

Populares Negros e a Independência

PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO





GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

SECRETARIA DA CULTURA

Especial Bicentenário da Independência do Brasil - Edição 03

Estado do Rio Grande do Sul
Governador Ranolfo Vieira Júnior

Secretaria de Estado da Cultura
Secretária Beatriz Helena Miranda Araujo

Departamento de Memória e Patrimônio
Assessor Especial Eduardo Hahn

Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa
Diretor Welington Ricardo Machado da Silva

Núcleo Educativo
Renata Kaupe Veleda
Thalya Fragozo Aroldo


Associação de Amigos do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa
Presidente Bruno Pedrotti

Na terceira edição do **Caderno Educativo - Especial Bicentenário da Independência** vamos conversar sobre o papel da população negra no processo de Independência. Vamos pensar sobre a **contradição** de lutar pela liberdade do Brasil ao mesmo tempo em que mantivemos a **escravidão** até 1888.

A Independência foi feita **por quem e para quem?** Essas são algumas das questões que encontraremos neste caderno. Esperamos que seja uma boa leitura!



A Independência do Brasil foi conduzida pela elite brasileira. Em entrevista à revista Mundo Jovem, de setembro de 1989, Décio Freitas, importante jornalista e historiador brasileiro, afirmava o seguinte:



Décio: Nossa Independência foi projetada e sonhada já muito antes de 7 de Setembro, e os principais movimentos nesse sentido foram, por exemplo, a Guerra dos Mascates, em PE e, sobretudo, depois, a Inconfidência Mineira, a Revolução dos Alfaiates, a Conspiração Carioca e, finalmente, a Revolução Pernambucana de 1817. Todas fracassaram. Esses fracassos se devem ao fato da elite brasileira querer exercer o poder num Estado soberano no Brasil. Queriam a Independência, mas não tinham projeto claro que seria viável para isso. A guerra de Independência dos EUA se fez num país de população predominantemente branca,

onde a população escrava era muito reduzida. Eles não chegavam a 6% da população.

Quando Bolívar iniciou a luta pela independência das colônias hispânicas, os escravos negros pegavam em armas e lutavam ao lado das tropas. Isto pelo simples fato de que, quem fosse inimigo dos inimigos, era seu aliado. No Brasil, mais do que a metade do trabalho era escravo. Toda produção econômica repousava no trabalho escravo negro. O escravo era a principal forma de propriedade, e não a terra. Porque, sem escravos, a terra praticamente não valia nada.

— “A Independência foi feita pelos senhores de escravos, para os senhores de escravos”

O problema se apresentava à elite brasileira da seguinte forma: se lançassem uma guerra contra a Metrópole, certamente esta seria dura e prolongada. De duas, uma: ou os escravos aproveitariam para se rebelar, já que os brancos estariam ocupados com o inimigo externo, ou então, para ter efetivos no exército patriota, os brancos teriam que engajar os escravos nos seus efetivos militares.



Analizando a entrevista

Importante

Hoje não utilizamos mais o termo *escravo* e sim *escravizado*

O termo *escravo* deixa subentendida a ideia errônea de que a escravidão era inerente ao negro.

Enquanto que *escravizado* deixa claro que a população negra foi submetida contra a sua vontade ao trabalho escravo

O texto de Décio Freitas nos traz alguns dados muito interessantes para pensar a Independência. Vamos ver o que conseguimos de informação do texto.

Antes de 1822, houveram outras tentativas de Independência com a participação de populares?

Segundo Décio Freitas, quem fez a Independência do Brasil? E para quem?

Qual era o problema da elite brasileira para conseguir a Independência Brasileira?

A seguir vamos conhecer alguns medos das elites brasileiras



Medo do Haiti

A elite brasileira tinha muito medo dos movimentos vindos das camadas populares, principalmente de escravos ou do povo negro, devido a recente Revolução Haitiana, de 1804, onde ocorreu o término da escravidão e independência do país, que tornou-se a primeira república governada por pessoas afrodescendentes. O medo de que a Revolução Haitiana se repetisse no Brasil era tanto que recebeu até um nome dos historiadores: haitianismo.



Batalha em San Domingo, pintado por January Suchodolski representando uma luta entre as tropas polonesas a serviço francês, junto dos revoltosos..



Além do receio com a Revolução Haitiana, havia também a lembrança de uma série de movimentos que aconteceram aqui no Brasil e que defendiam uma Independência que atendesse os anseios da população negra e mestiça. Foi o caso da Conjuração Baiana ou Revolta dos Alfaiates, como também ficou conhecida, uma vez que era a profissão de alguns dos participantes.

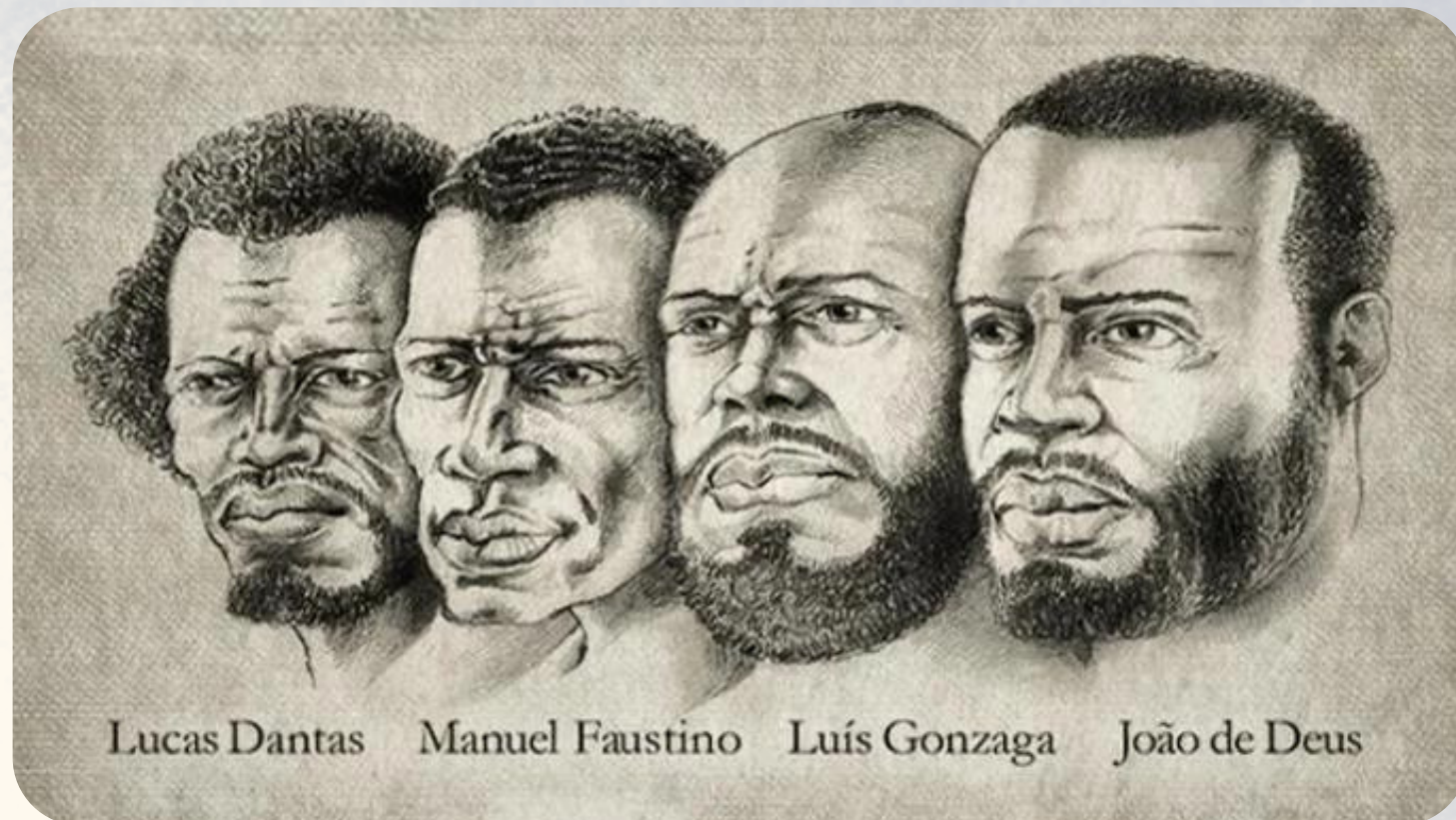
A Revolta foi um movimento popular que defendia a abolição da escravatura, ocorrido no final do século XVIII (1798-1799), na capitania da Bahia. Defendiam a independência com mais igualdade racial, um governo republicano e democrático e com liberdades plenas. O movimento contou também com a participação de ex-escravos.

Histórico de revoltas brasileiras



Essa revolta teve grande influência de ideias iluministas, que ganharam força com a Revolução Francesa. A maçonaria exerceu forte influência, pois foram responsáveis pela chegada dos ideais políticos da Revolução Francesa ao Brasil

Além da liderança exercida pelos alfaiates, o movimento também era encabeçado pelos soldados Luís Gonzaga das Virgens e Lucas Dantas.



A Revolução Francesa defendia os ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Conseguem imaginar o quanto esse discurso poderia mobilizar pessoas negras e mestiças que sofriam com a escravidão?





Ao final da revolta, os principais envolvidos foram julgados e condenados à morte. No dia 8 de novembro de 1799, um ano e dois meses depois dos acontecimentos, os acusados foram declarados culpados por traição. Desta maneira, receberam a pena de morte por enforcamento e depois esquartejados: Luís Gonzaga das Virgens, Lucas Dantas, João de Deus e Manuel Faustino dos Santos Lira. Os corpos foram expostos em diversos locais da cidade de Salvador para servir de exemplo a possíveis futuras revoltas, e, apesar de seu terrível desfecho, a Conjuração Baiana influenciou outros movimentos como a independência (1822), a Revolta do Malês (1835) e a abolição da escravidão (1888).

Participação Negra no processo de Independência

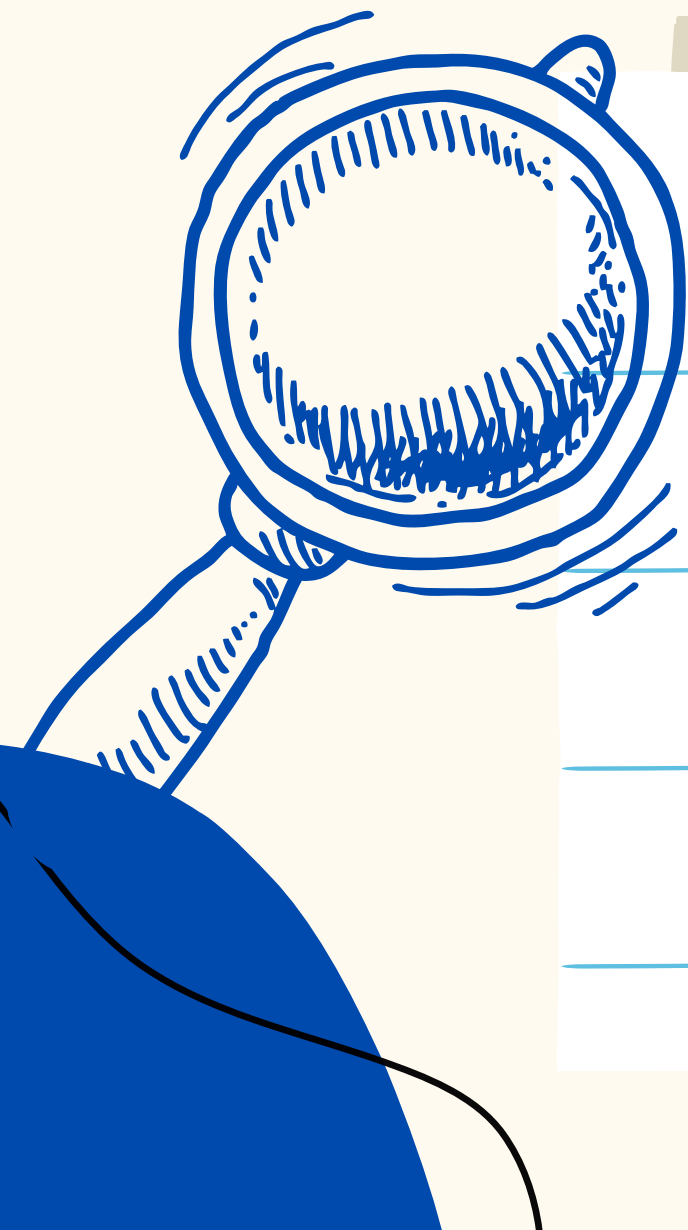
Vimos que as elites brasileiras tinham vários temores nos anos anteriores à Independência. Vimos também que houveram várias revoltas defendendo modelos mais igualitários de independência.

Agora vamos falar sobre a participação negra no processo de Independência brasileiro.

Apesar dos senhores de escravizados tentarem evitar a guerra com Portugal, tivemos conflitos armados na Bahia. Nessas lutas, muitos negros e mestiços viram uma oportunidade de lutar por sua liberdade. As elites brasileiras chegaram a falar e temer o partido negro das lutas pela Independência.



Mas será que esse partido foi real ou só um temor?
As únicas fontes que temos são documentos oficiais ou cartas escritas pelas pessoas letradas que eram da elite seja brasileira ou portuguesa. Em 13 de abril de 1823, Maria Bárbara Garcez Pinto, senhora do engenho Aramaré, escreveu para seu marido que estava em Portugal:



"A criolada da Cachoeira fez requerimentos para serem livres! Estão tolos, mas a chicote tratam-se."

Trecho de carta publicada no artigo "O jogo duro do dois de julho : o partido negro na Independência da Bahia publicado em REIS, João José e SILVA, Eduardo. Negociações e Conflito

Essa carta mostra que os escravos nascidos no Brasil se organizaram para requerer sua liberdade e causaram indignação à senhora de engenho

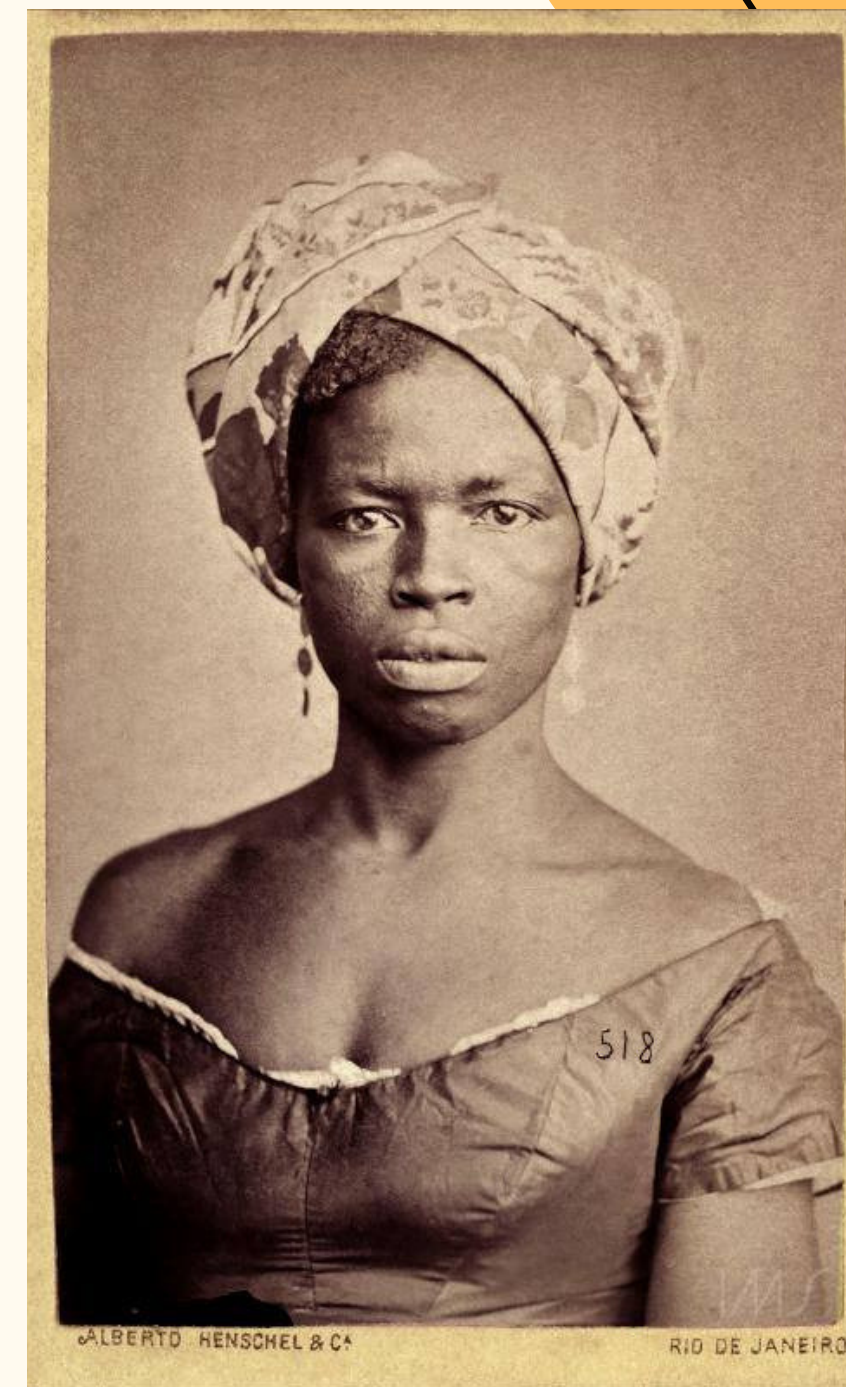


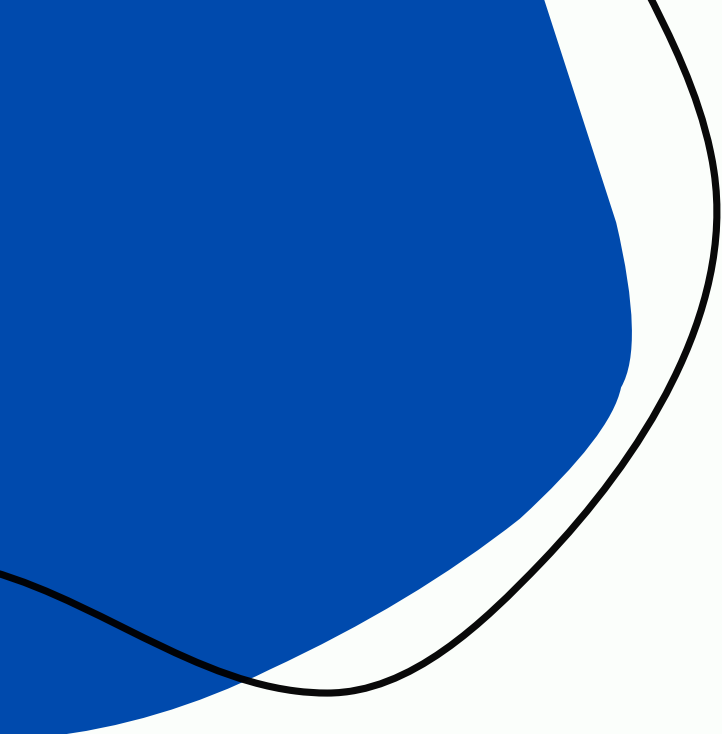
Não temos muitos registros de nomes dos populares negros que lutaram no conflito da Independência. Porém, por mais que a elite procurasse evitar ao máximo sua participação na luta, vários participaram do processo com a esperança de obterem liberdade. Afinal, afirmava-se que o Brasil lutava para deixar de ser escravo de Portugal. Então muitos escravizados perceberam a hipocrisia deste discurso: se era para libertar o Brasil da escravidão portuguesa por que não libertá-los também da escravidão brasileira?

è importante lembrar de um dos nomes que já vimos nos cadernos anteriores: Maria Felipa .

Maria Felipa de Oliveira (data desconhecida - 1873), negra, ex escrava liberta, morava na Ilha de Itaparica. Tornou-se uma grande liderança na Bahia na Guerra da Independência contra os portugueses.

Liderou mais de 200 pessoas na luta contra as tropas portuguesas, em sua maioria mulheres. Primeiro atuou como espiã, depois partiu para a ação.





Após 200 anos da Independência, nos perguntamos: para quem foi a Independência? Será que já alcançamos a liberdade e igualdade pela qual homens e mulheres negras lutaram tanto?

Tivemos muitas conquistas, como a criminalização do racismo, por exemplo. Mas gostaríamos de ouvir vocês! Onde vocês percebem racismo e como podemos combatê-lo?

Você pode gravar um vídeo, usar uma música, escrever. E se publicar, só não esqueça de nos marcar nas redes sociais
[@visitemusecom](#)

